

De que falamos quando falamos de psicanálise?

Conferências gaúchas



Mariano Horenstein

Tradução de Tomás Brena Sertã

Copyright © 2026 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger

TRADUÇÃO Tomás Brena Sertã

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

ARTE DA CAPA Lucas Krüger

ARTES INTERNAS Daniel Villani

REVISÃO TÉCNICA Lucas Krüger

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H811f

Horenstein, Mariano

De que falamos quando falamos de psicanálise? Conferências
gaúchas / Mariano Horenstein – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

224 p.; 15,5 X 22,5 cm

ISBN 978-65-87457-51-2

1. Psicanálise.

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos —
CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br
www.arteseecos.com.br

ÍNDICE

- 7 **Prefácio – por Celso Gutfreind**
- 13 **Introdução: Palavras na planície**
- 17 **Histórias contadas, histórias construídas**
- 29 **A fórmula da infelicidade**
- 43 **Como tornar a/à psicanálise contemporânea?**
- 63 **De que falamos quando falamos de analisar? Psicanálise e escrita.**
- 85 **A psicanálise e o seu mistério**
- 111 **A adolescência e os equilibristas. Língua-sexo-morte**
- 135 **A psicanálise no caminho da arte**
- 147 **The Game: Como os jovens nos incitam a reinventar a clínica**
- 159 **Animais fantásticos e onde habitam. Uma juventude contemporânea:
equilibristas, ciborgues, mutantes**
- 173 **A psicanálise depois de Freud: sofrimentos contemporâneos na clínica
e na cultura**
- 189 **O que resta. Psicanálise debaixo d'água**
- 205 **Modos de ver, modos de ouvir, modos de analisar**
- 221 **Coordenadas**

Prefácio

Celso Gutfreind

Faz alguns anos, em um livro chamado *Crônica dos afetos – a psicanálise no cotidiano*, escrevi uma prosa sobre Mariano Horenstein. Ele ainda não havia sido publicado em livro individual, e eu me baseei, na ocasião, em minhas impressões como ouvinte de suas palestras. O texto girava em torno de um eixo, embora a palavra eixo possa ser pesada para a minha hipótese ali desenvolvida, a partir do que senti naqueles encontros. Ela era que Mariano tinha uma forma de utilizar a palavra oral a ponto de criar um clima de transferência em seus espectadores (eu era um deles), tocando em sua-nossa parte mais arcaica e decisiva, a do começo da vida, de nosso bebê. Cada qual em seu posto de transferência, ele era a mãe nos maravilhando com o poder do belo de suas histórias.

Eu explicitava algo como reconhecer que ele conversava diretamente com esses bebês que permanecem dentro de nós, vida afora, a partir do momento em que o seu discurso, para além de todos os conteúdos densamente analíticos, era recheado de arte e, portanto, capaz de maravilhar-nos com a sua beleza como se fosse pela primeira vez. Havia algo em torno do conflito estético, desenvolvido por Meltzer e Williams, criando o efeito de um espanto em torno do inapreensível como decisivo de que uma mãe, no começo da vida, e um psicanalista, em sua continuidade, podem nos oferecer. O fato (psíquico) é que saíamos das palestras em um estado artístico ou de poesia, de acordo com o compositor Chico César, aquela coisa “nem dentro nem fora que não fica nem vai embora”, logo abertos para novos pensamentos, sentimentos, subjetividades capazes de nos aproximarmos de nós mesmos e até mesmo

Introdução: Palavras na planície

Escrever um prefácio para uma série de conferências alinhavadas retroativamente como pérolas em um colar é uma experiência interessante. Sob a mirada do editor, o autor se tensiona entre o desagrado e o júbilo que é capaz de encontrar no que disse ou escreveu, como neste caso, há quinze anos.

Uma edição é uma oportunidade também para perceber fios em comum, nós, tramas, zonas de cruzamento naquilo que tenta ser um pensamento próprio, que nunca se faz sem esses outros com quem se conversa, histórica ou conjunturalmente. É notável, por exemplo, perceber o que se repete de uma conferência a outra, em diferentes graus de aproximação, em diferentes níveis de abordagem. O que se repete – o que repito – poderia ter a ver com a escassez de ideias, ou com o esquecimento do que fora dito, ou até mesmo com o demônio da repetição freudiana. Mas, se decidi, decidimos, manter isso aqui, foi por entender que o que se repete é, na verdade, o que insiste. E que às vezes é preciso abrigar o que insiste, fazê-lo trabalhar, afiná-lo em discussões com diferentes interlocutores, para que algo resulte disso, nem que sejam algumas páginas, um par de frases.

Se mantive, mantivemos, essas doze conferências, foi porque, pelo menos por enquanto, não me envergonho do que disse em cada uma das circunstâncias em que as proferi, em uma geografia circunscrita, a do Rio Grande do Sul.

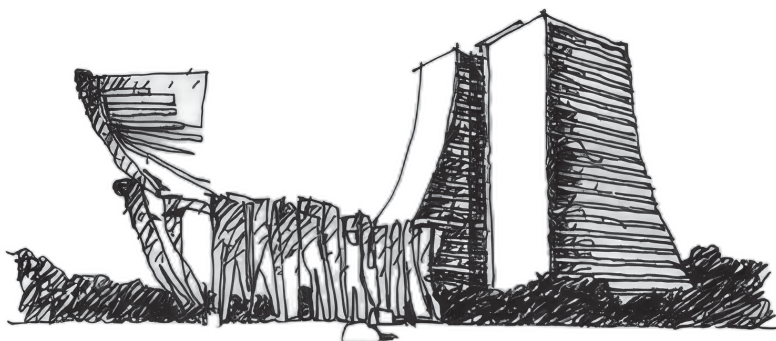
Penso que a geografia é crucial na psicanálise e, nesse sentido, não há capricho em agrupar essas conferências como *gaúchas*. É o Outro, o que escuta, aquele a quem se fala, que nos determina; então, certo auditório – aqueles que me ouviram com hospitalidade – foi necessá-



Histórias contadas, histórias construídas

A imagem usada para a promoção deste evento é evocativa. Foi tomada de um quadro de Albert Anker, chamado *o pintor das crianças*. Esse idoso cercado de crianças que escutam o debulhar de suas histórias, sedimento de sua sabedoria, me faz lembrar a figura cunhada por Walter Benjamin, a de *O narrador* (2008).

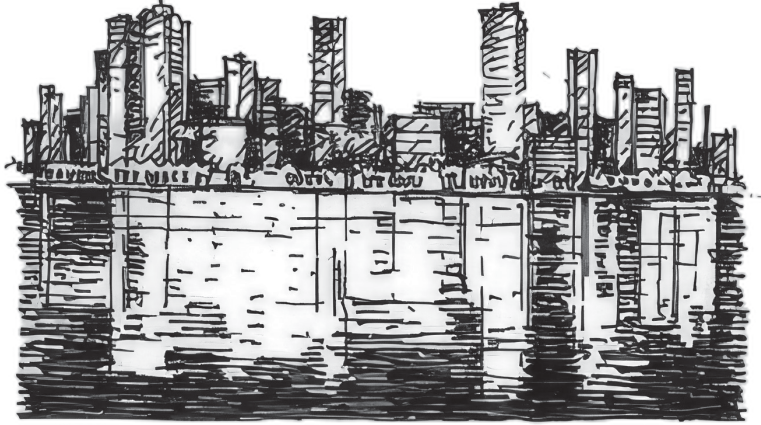
A figura do narrador é uma figura da nostalgia, pois é evocada enquanto desaparecida – pelo menos assim o fazia Benjamin e acredito que não sem razão. Representava uma época em que a sabedoria era transmitida por via oral. Uma época em que ainda não havia desaparecido, como dizia Benjamin e entre nós Marcelo Viñar (2006), a *comunidade de ouvintes*. O narrador testemunhava acerca de um tempo



A fórmula da infelicidade

I. O mal-estar e a fórmula da felicidade

Temas como esse – cartografar, como um etnógrafo, as formas de mal-estar na nossa sociedade – me colocam em uma encruzilhada: falar acerca do mal-estar de nossa sociedade da maneira como poderiam falar os sociólogos ou antropólogos, lugar em que encontro ao mesmo tempo certa inconsistência e até mesmo impostura. Não estamos adequadamente preparados para isso, e seria uma espécie de análise selvagem ao contrário: um psicanalista, treinado enquanto tal, opinando fora de seu campo.

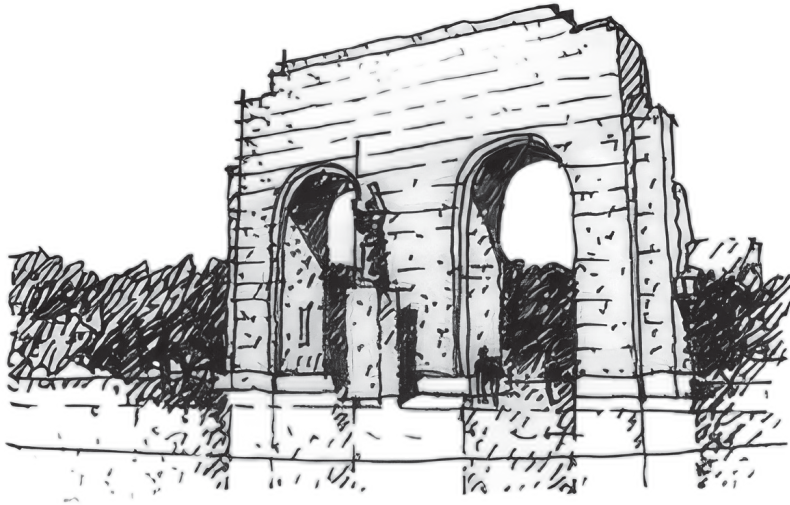


Como tornar a/à psicanálise contemporânea?

Introdução

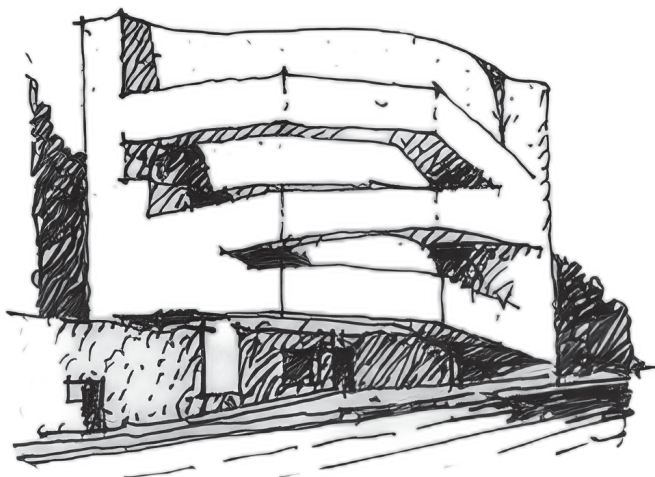
O título¹ que escolhi para esta conferência é capcioso, joga com uma equivocidade em torno do verbo “tornar”. A pergunta do título pode ser lida de ao menos dois modos:

1 O título original da conferência é ¿Cómo volver al psicoanálisis contemporáneo? O autor joga com os dois sentidos da construção “volver al”, que pode significar “voltar-se para” ou “transformar”. Para preservar os dois sentidos possíveis, escolheu-se “tornar” em suas duas regências, indicadas pelo artigo “a” e pelo artigo com preposição “à”: como transitivo direto, significa “transformar”; como transitivo indireto, “voltar para” (como na expressão “o bom filho à casa torna”). Mantém-se, assim, a mesma forma acústica para as expressões, embora haja variação na forma escrita. [N.T.]



De que falamos quando falamos de analisar? Psicanálise e escrita.

Quando Helena me convidou, eu aceitei. Depois, ela me pediu um título, e eu disse um que me veio à cabeça, geral o bastante para que eu pudesse *falar de qualquer coisa*, pois ainda não sabia do que falaria. Mas sabemos que *falar de qualquer coisa* é, justamente, o cerne da nossa regra fundamental, aquilo que dá início a uma análise. Sabemos que nunca se fala *sobre qualquer coisa*. Talvez falemos sempre sobre a mesma coisa, de uma forma ou de outra, e que parte da tarefa de um analista consista em isolar, em possibilitar que se decante aquilo sobre o que cada sujeito passou a vida falando.



A psicanálise e o seu mistério

Uma pequena anedota

Quero contar a vocês uma consulta que poderíamos chamar de pós-moderna e que me fez pensar no título desta conferência. Quem se consultava era um amigo meu, um arquiteto inteligente e culto, alguém que poderia perfeitamente ter consultado um psicanalista e, de fato, já o tinha feito. Mas, neste caso, não foi assim.

A consulta em questão foi dirigida a uma bruxa, uma bruxa famosa, digamos. Uma bruxa que chegou a ser capa do New York Times, onde lhe foi dedicada uma nota como “a bruxa de Menem”. Ter sido a bruxa de um presidente argentino a tornou famosa, mas ele não é o único



A adolescência e os equilibristas. Língua-sexo-morte

Vocês acabam de ver algo que – vocês devem se perguntar – pareceria não ter relação com a adolescência. Exceto talvez porque o protagonista do fragmento do filme que lhes mostrei, Philippe Petit, era uma espécie de adolescente quando praticava o equilíbrio.

Convido-os a que deixemos de lado, por um momento, a copiosa bibliografia acerca da adolescência, sua psicologia do desenvolvimento, sua psicopatologia, para dar lugar a uma dimensão narrativa que considero fundamental na abordagem da clínica psicanalítica.



A psicanálise no caminho da arte

Ir além

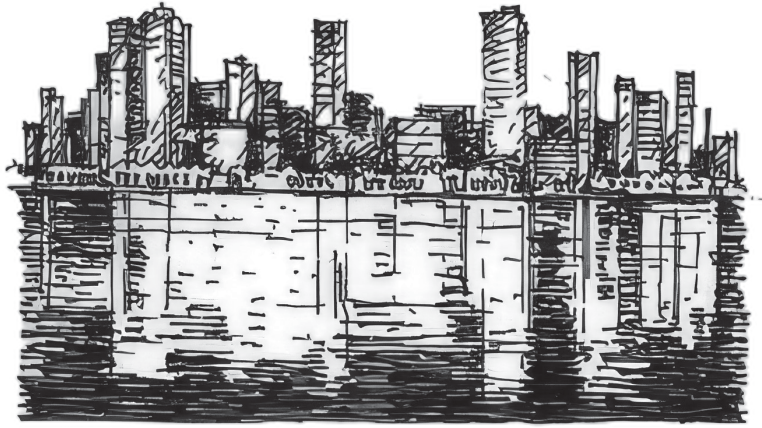
É um lugar comum dizer que os artistas estão à frente dos analistas. Ser um lugar comum não significa que o tenhamos aprendido o suficiente, e as diversas formas da dita psicanálise “aplicada” comprovam isso. Com base em que arrogância nos ampararíamos para explicar as obras de arte ou, mais ainda, a psique de um artista? O resultado é banalizar, psicologizar, enfim, encontrar ali o que já conhecemos. Talvez isso seja até didático, mas está muito abaixo das possibilidades que o cruzamento entre arte e psicanálise oferece.



The Game: Como os jovens nos incitam a reinventar a clínica

I. O título desta conferência é, em parte, um roubo.

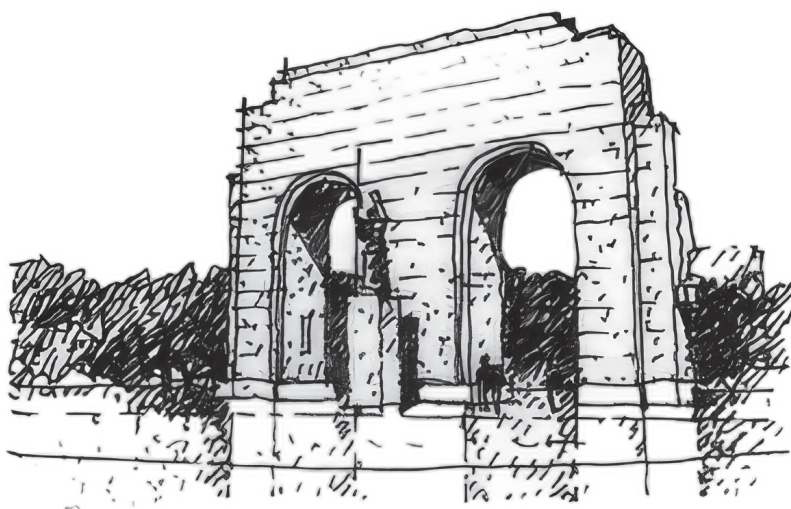
Vou contextualizar esse roubo, antes de mais nada: pertencemos a um grupo — o dos psicanalistas — no qual, como em outros campos do saber, nos esforçamos para fazer avançar o conhecimento. A mecânica desse avanço, no campo da ciência, costuma envolver uma revisão cuidadosa dos antecedentes do tema que se vai abordar e, então, costuma se oferecer ao leitor, com sorte, alguma contribuição original.



Animais fantásticos e onde habitam. Uma juventude contemporânea: equilibristas, ciborgues, mutantes

“Costumo ter a impressão de que o animal quer amestrar-me; senão, que objetivo pode ter subtrair-me a cauda quando quero segurá-la, e depois esperar tranquilamente que ela torne a atrair-me, e depois tornar a saltar?”

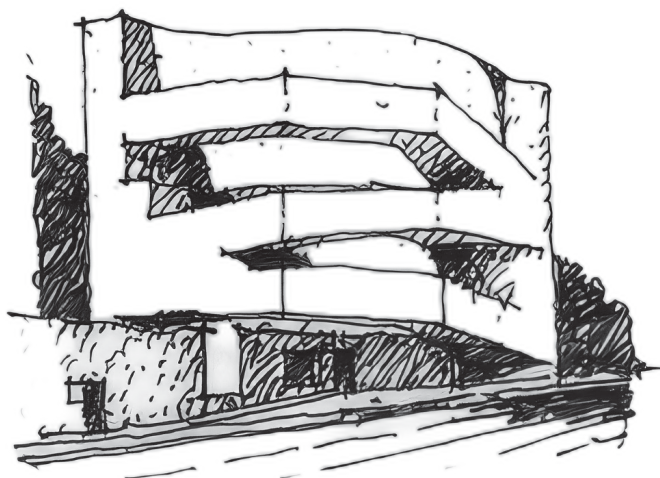
Franz Kafka



A psicanálise depois de Freud: sofrimentos contemporâneos na clínica e na cultura

Quero começar falando a partir de duas citações, pertinentes para nossa época.

A primeira é de Freud, que em novembro de 1934 escreve ao pastor Oskar Pfister uma frase que poderia ter sido escrita ontem à noite: “Em todos os lugares as coisas vão tão mal no mundo; por que com a análise deveria estar melhor?”



O que resta. Psicanálise debaixo d'água

The art of losing

Gostaria de começar com um poema.

Vocês sabem que a psicanálise deve muito à poesia.

Em muitos sentidos. Por exemplo, na forma da interpretação (que produz mais ondas – a função que a interpretação devia ter, para Lacan, é essa, produzir ondas – se é formulada de modo mais poético que narrativo).

Mas também no significado original de *poiesis*, enquanto criação de uma palavra nova. Nossa aposta é que aquilo que se diz em uma análise tenha efeitos performativos, que contar algo transforme não



Modos de ver, modos de ouvir, modos de analisar

I. Deixem-me mostrar-lhes algumas imagens. São distantes e, ao mesmo tempo, têm a ver com POA. Volto aqui com o corpo presente, neste mundo onde nos habituamos a funcionar, a trabalhar, a dar aulas ou a analisar, até mesmo a desejar ou a amar como avatares. Passei brevemente por aqui no ano passado, dormi em frente ao rio, depois da enchente. Temos que nos acostumar a pensar sempre com a catástrofe em segundo plano, sem esquecê-la. Não para ficarmos melancolicamente capturados. Muito pelo contrário, para fazer aquilo

ARTES & ECOS 
www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM em MARÇO de 2026.